

# Os discursos acerca de Recursos Educacionais Abertos: este mundo é plano?

Profa. Dra. Andréia Inamorato dos Santos  
[ainamorato@gmail.com](mailto:ainamorato@gmail.com) - The Open University

TRADUÇÃO

Profa. Dra. Giselle Martins dos Santos Ferreira  
UNESA  
Pesquisadora Visitante  
The Open University  
Reino Unido  
e  
Mirian Maia do Amaral  
Doutoranda  
UNESA

## Resumo

O presente artigo propõe a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2000) como uma ferramenta para refletir sobre os vários discursos que podem ser identificados acerca de Recursos Educacionais Abertos (REA). O argumento será construído a partir do conceito do "mundo plano", uma poderosa metáfora usada por Thomas Friedman em seu famoso livro *The world is flat* (2005). A discussão lança mão de conceitos da Análise de Discurso Crítica para explorar materiais compartilhados por iniciativas REA, e investiga em que grau essas iniciativas têm um efeito de 'nivelamento' em termos de ampliação da participação e empoderamento de indivíduos por meio do acesso ao conhecimento.

Palavras-chave: REA. Conteúdo aberto. Discurso. Análise de discurso crítica.

## The Discourses of OERs: how flat is this world?

### Abstract

This paper proposes Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2000) as a tool for identifying the various discourses that can be found in the provision of open educational resources. The argument will be built upon the concept of a 'flat world', a powerful metaphor used by Friedman in his famous book "The World is Flat" (2005). The discussion will draw upon concepts of critical discourse analysis to explore sample data from open educational resources (OERs) initiatives, and will investigate the degree to which such initiatives have a 'flattening'

effect in terms of widening participation and empowering individuals through access to knowledge.

Key words: OER. Open content. Discourse. Critical discourse analysis.

## 1. Introdução

Em seu best-seller *The world is flat* (2005)<sup>1</sup>, Thomas Friedman introduziu uma nova forma de descrever as mudanças sociais que vêm ocorrendo no mundo devido aos avanços tecnológicos: a metáfora do nivelamento. Dizer que o mundo é plano significa aceitar a visão de que o “campo de jogo foi nivelado” e que a concorrência e colaboração são agora mais focadas, ocorrendo não só em nível social e institucional, mas, também, entre os indivíduos. A metáfora de nivelamento é apoiada pelo conceito de abertura, que é a tendência em empresas, governo e educação. Abertura oferece um meio para se manter a competitividade em vez de constituir uma ameaça às ideias e bens. A essa abertura se alinha um segundo fator, o de colaboração. Quanto maior o grau de colaboração, mais experiência e alcance se pode obter. Colaboração se tornou um ideia intrínseca à noção de abertura bem como à metáfora de um mundo plano.

Mas qual é a relação entre essa ideia de um mundo plano e Recursos Educacionais Abertos (REA)? Este artigo parte da premissa de que os REA foram reivindicados, direta ou indiretamente, como parte desse mundo nivelado. REA estão disponíveis online gratuitamente, orientados pelo ideal de que o conhecimento deve ser livre e acessível a todos. O conhecimento é uma moeda forte na sociedade atual, e aqueles que o possuem são mais competitivos. REA representam a abertura do acesso ao conhecimento e, como consequência, o caminho que conduz à competitividade. REA também são percebidos como um caminho para a colaboração: entre países, instituições e indivíduos engajados nesse compartilhamento de conhecimento. REA, por conseguinte, podem ser vistos como parte desse “discurso do nivelamento”.

No entanto, a extensão na qual REA podem realmente constituir niveladores na educação ainda permanece uma questão a ser avaliada. Este artigo propõe uma perspectiva discursiva para essa avaliação. Será proposto o emprego da Análise de Discurso Crítica (ADC) como uma ferramenta poderosa para a identificação de alguns discursos embutidos no movimento REA, bem como para a avaliação da medida em que estão alinhados ao discurso do

---

1 N.T.: Uma tradução da versão revista e expandida desse livro (2006) está disponível em português: FRIEDMAN, T. O mundo é plano. Trad. Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2007.

nivelamento. Irei defender uma visão crítica em relação a essa noção de nivelamento, tanto no movimento REA como nos discursos a ele associados.

## **2. A Análise de Discurso Crítica: uma ferramenta poderosa para a investigação dos discursos dos REA**

Há diferentes formas de análise de discurso em pesquisa nas Ciências Sociais, cada qual utilizando uma terminologia específica e representando posições teóricas ligeiramente diferentes, dependendo da área em questão (por exemplo, Psicologia, Educação, Política, Antropologia ou Linguística). Isso mostra a natureza verdadeiramente interdisciplinar da análise de discurso. Neste artigo, me inspiro em conceitos da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2000)<sup>2</sup>, que é baseada em uma perspectiva foucaultiana de discurso (FOUCAULT, 1979).

Discurso, neste artigo, refere-se à linguagem falada ou escrita em uso. Esta noção é estendida para incluir outros tipos de atividade semiótica, como imagens visuais (fotografia, vídeo, diagramas, etc.) e som (podcasts, palestras). O discurso é um modo específico de construção de um domínio de prática social (FAIRCLOUGH, 1995). Trata-se de mais do que simplesmente reunir palavras faladas ou escritas – discursos representam perspectivas contextuais, ideológicas e históricas. Eles regulam as práticas sociais na medida em que definem o que é parte de um domínio de prática e o que não é. Discursos são formas específicas de pensar, falar e agir sobre as coisas – são constitutivos de práticas sociais, ao mesmo tempo em que as constituem. Discursos são institucionalizados porque a sociedade é institucionalizada: governo, negócios, política, escolas, saúde, meios de comunicação, todos constituem corpos sociais institucionalizados que têm as suas próprias práticas. Essas práticas são materializadas através da linguagem em uso. Ao analisar os discursos, se está analisando as formas como as pessoas pensam e agem, que são historicamente definidas, bem como as ideologias que são transmitidas através de suas escolhas de linguagem. É, então, possível entender como as práticas sociais tendem a se tornar convencionais e como essas convenções são sustentadas por discursos semelhantes.

Fairclough (2000) apresenta ADC como uma abordagem útil ao estudo crítico da linguagem nas práticas sociais. Mais especificamente, a ADC se ocupa do estudo da linguagem

2 N.T.: Essa obra de Fairclough está disponível em uma tradução para o português: FAIRCLOUGH, N. Discurso e Mudança Social. Brasília: Ed. UnB, 2008.

e discursos em uma perspectiva social, e de como a linguagem figura nos processos de mudança social. Kress (1990) defende que a ADC tem uma agenda claramente política, que é o que a diferencia de outros tipos de análise de discurso. Ele ressalta que a ADC não só fornece a narrativa para a produção de textos, mas, mais importante, fornece, em suas narrativas, uma dimensão crítica em suas leituras teóricas e prescritivas. Isso significa que o pesquisador, nesse contexto, assume uma postura política sobre o sujeito de investigação, esperando-se que critique abertamente o problema percebido, e tente oferecer formas alternativas para abordá-lo. A ADC também aponta para a ligação entre o discurso e ação: o discurso se transforma em ação e a ação se torna discurso (SCOLLON; SCOLLON, 2005). A ADC também emprega técnicas interdisciplinares para a análise de textos, e examina como os discursos se materializam nos textos e, assim, criam representações do mundo social. A Análise de Discurso Crítica vai além da análise das palavras escritas e faladas, fornecendo insights sobre as formas em que as identidades são criadas e as relações sociais são desenvolvidas. Ao contrário de outros tipos de análise de discurso, o tipo de ADC da qual lançarei mão não se concentrará em contar a frequência de palavras em um texto, mas sim em buscar compreender como o uso, muitas vezes inconsciente, da linguagem em um domínio de prática (por exemplo, escolhas de palavras), é constitutivo dos discursos dominantes desse domínio social – isto é, como os discursos são instanciados na linguagem. Isto é possível através de uma análise interdiscursiva de textos e suas articulações específicas de diferentes discursos (FAIRCLOUGH, 2005). A análise linguística do texto também faz parte da minha análise, mas novamente em termos de escolhas lexicais, em vez de recorrência.

Este artigo incidirá sobre os discursos de colaboração e institucionais de REA, e oferecerá uma visão geral de como a linguagem das instituições de ensino transportam uma carga ideológica que tende a retratar REA como niveladores educacionais e equalizadores sociais. Reconheço que os discursos institucionais são apenas uma parte dos discursos de REA; outros discursos (semelhantes ou diferentes) podem ser encontrados em outros domínios de prática, como a blogosfera e da experiência do usuário de REA. No entanto, a estratificação na qual os dados são discutidos neste artigo (por exemplo, discursos aparentemente autossuficientes) é apenas uma ferramenta para análise, uma forma de olhar para as práticas no mundo social. Discursos operam juntos e são inerentemente dependentes uns dos outros. Para os fins deste texto, discuto os discursos de colaboração e institucionais de forma independente, focalizando as estratégias de marketing e documentos de políticas, principalmente.

Discursos não têm fronteira, mas, sim, interagem uns com os outros, e isso é o que caracteriza a complexidade e dinamismo da linguagem em práticas sociais. Discursos podem ser identificados através de linguagem em uso, e não são fixos ou imutáveis; eles se relacionam de uma maneira muito fluida. Poderia se estar falando de religião a partir de uma perspectiva política, por exemplo, e, nesse caso, discursos políticos e religiosos estariam interagindo e criando sentidos, definindo práticas sociais. A forma fluida e interoperável na qual discursos funcionam é chamada de interdiscursividade. Nenhum discurso está fechado em si mesmo. Na verdade, um discurso só passa a existir através de sua relação com outros discursos. Não há discurso "puro". Nessa perspectiva, ao discutir o discurso de nivelamento como parte dos discursos institucionais de REA, também, indiretamente, abordo outros discursos que constituem o movimento. O discurso de nivelamento é preenchido com o discurso de abertura e com o discurso de colaboração, por exemplo. E assim é o discurso de REA, como exploro neste texto.

### **3. Os niveladores: conceitos de Friedman encontrados na produção de REA**

Em seu livro, Friedman apresenta os dez “niveladores” que alega serem responsáveis pelo nivelamento do terreno mundial, e descreve como esses niveladores convergem para tornar o mundo ainda mais plano. Este texto focará dois dos 10 – “código aberto” e “in-formação” – e discutirá os diferentes discursos que os constituem em uma perspectiva REA.

#### **3.1 Código aberto**

Código aberto, como descrito por Friedman (2005), apoia a noção de que “as empresas ou grupos ad hoc iriam disponibilizar o código fonte – as instruções de programação que fazem um software funcionar – e deixar que alguém, que tem algo a contribuir, o melhore, enquanto milhões de outros simplesmente o baixem para seu próprio uso, gratuitamente.” Friedman usa duas variedades de software aberto como exemplos: o Commons intelectual e o software livre. O Commons está enraizado na academia, com o objetivo de compartilhar pesquisas entre os grupos de interesse para o avanço da ciência. Friedman cita Andressen (2005), que diz que “Código aberto nada mais é do que a ciência avaliada por pares ... Isto é, a ciência revista de uma forma livre e aberta.” Wladawsky-Berger (2005), também citado por Friedman, aponta

para as vantagens do código aberto e diz: "Essa era emergente é caracterizada pela inovação colaborativa de muitas pessoas talentosas que trabalham em comunidade, assim como a inovação na era industrial foi caracterizada pelo gênio individual". Para Friedman (2005), o Commons intelectual é um nivelador genuíno, porque comunidades colaborativas auto-organizadas estão trabalhando para minimizar as desigualdades em suas áreas. Friedman afirma que muitas pessoas gostam de compartilhar suas descobertas e ganhar o respeito de seus pares intelectuais. Ele vê isso como uma nova forma de colaboração que tem sido facilitada pelo mundo plano, que está se nivelando ainda mais.

Com relação ao software livre, Friedman afirma que há um movimento inspirado pela ideia de que o software deve ser livre e disponível a todos, contando com a colaboração baseada no código aberto para produzi-lo e distribuí-lo gratuitamente, embora nem sempre tenha de ser gratuito. Ambos, Commons intelectual e o software livre, são conceitos intrínsecos ao movimento REA. Universidades envolvidas na produção de REA estão agindo sob uma estrutura intelectual de Commons, tornando o conhecimento disponível para pessoas de todo o mundo que podem se conectar à Internet. Muitas vezes, este conhecimento é disponibilizado sob licenças Creative Commons, o que significa que os materiais têm apenas alguns direitos reservados, em oposição à premissa tradicional da lei de direitos autorais, de todos os direitos reservados. O software livre tornou-se também muito popular na educação a distância e no movimento REA. O Moodle, por exemplo, é um ambiente virtual de aprendizagem de código aberto que está provando ter maior popularidade na educação a distância do que os fornecedores de software comercial.

### **3.2 In-formação**

Friedman (2005) descreve in-formação como "a capacidade de construir e implantar a sua cadeia de fornecimento pessoal – uma cadeia de fornecimento de informações, conhecimento e entretenimento. In-formação é sobre a auto-colaboração – sobre tornar-se seu próprio pesquisador editor, e selecionador de entretenimento auto-dirigido e auto-empoderado, sem ter que ir para a biblioteca, ou para o cinema, ou através de redes de televisão. In-formação é buscar o conhecimento. Trata-se de buscar por pessoas e comunidades que compartilham das mesmas ideias."

Friedman apresenta os Grupos Google e Yahoo! como exemplos de ferramentas da Internet que permitem in-formar e nivelar o mundo. Ele afirma que a in-formação se propõe a possibilitar a formação de comunidades globais além das fronteiras internacionais e culturais. A atuação global, para Friedman, é um aspecto crítico da função de nivelamento. REA são destinados a ser um nivelador global para a educação. O fato de que esses recursos educacionais são baseados na Internet significa que eles têm um alcance global: quem quer que tenha uma conexão à Internet e um computador pode, teoricamente, também ter acesso a REA.

Uma das principais características da “era da in-formação”, segundo Friedman, é a transformação das maneiras como as empresas estão estabelecendo seus negócios. Friedman menciona a Google e a TiVo como exemplos de empresas que aprenderam a colaborar com seus usuários, oferecendo espetáculos e entretenimento adaptados. TiVo é uma forma inovadora de gravar digitalmente os programas de radiodifusão. Tanto a TiVo como a Google aprenderam a prosperar não empurrando produtos e serviços a seus clientes, mas atendendo as suas demandas. Algumas iniciativas REA também têm essa característica, não só oferecendo conteúdo, mas também as ferramentas tecnológicas que permitem aos usuários colaborar e se comunicar, a fim de reunir as informações de que precisam e, em seguida, adaptá-las aos seus fins específicos.

## **4. Os Discursos do movimento REA**

A maioria dos discursos encontrados no movimento REA está alinhada com os discursos de nivelamento de Friedman. Na discussão a seguir contarei com a Análise de Discurso Crítica para identificar dois desses discursos: o discurso da colaboração e o discurso institucional.

### **4.1 Discurso de Colaboração**

“Colaboração” é um conceito-chave no nivelamento do mundo, e um termo que aparece frequentemente no livro de Friedman. O autor afirma que os niveladores do mundo são todos dependentes do princípio da colaboração, e enfatiza que a colaboração intensifica o mundo plano. Código aberto, in-formação, outsourcing, offshoring, cadeia de fornecimento são exemplos de formas de colaboração que foram possibilitadas, ou muito melhoradas, com o avanço da tecnologia e da Internet. Ele afirma: "E quanto mais e mais de nós aprendemos

como colaborar dessas diferentes maneiras, estamos nivelando o mundo ainda mais" (FRIEDMAN, 2005, p. 81).

Discurso de Colaboração, como os niveladores de Friedman, também está presente no movimento REA. Os extratos a seguir são exemplos retirados de duas iniciativas de conteúdo aberto, mostrando como o Discurso de Colaboração está presente:

MIT OCW é comprometida com sistemas abertos e irá compartilhar sua abordagem com aqueles que podem querer lançar esforços semelhantes.

Extrato 1: no *site do MIT OpenCourseWare*.

OCW agora é um novo modelo para a divulgação de conhecimento, servindo como uma espécie de "Commons intelectual compartilhado" disponível para educadores e alunos ao redor do globo.

Extrato 2: no *site do MIT OpenCourseWare*

### **O que a *Open University* traz para o campo do conteúdo aberto?**

[...]

1 Uma vasta quantidade de material didático de alta qualidade: somos especializados em conteúdo e apoio para a educação a distância e o *e-learning*; isso inclui ferramentas de auto-avaliação, fóruns de colaboração e uma experiência de aprendizagem personalizada.

[...]

Extrato 3: no *site OpenLearn*

### **Últimas notícias**

A colaboração internacional se estende ao Paquistão.

#### Extrato 4: no *site OpenLearn*

O compartilhamento de conhecimentos, experiência e ideias é uma forma de colaborar com os pares em uma determinada comunidade. Nos extratos acima, as palavras compartilhar/compartilhado e colaboração são indicadores do discurso de colaboração no movimento REA e de seu alinhamento com os niveladores do mundo de Friedman. No extrato 2, por exemplo, o nivelador do Commons intelectual é explicitado.

Colaboração pressupõe que ambas as partes envolvidas têm algo a oferecer. Em iniciativas REA, a colaboração acontece em diferentes níveis. Pode acontecer entre instituições, entre aprendizes e o fornecedor REA, ou entre os próprios aprendizes. No entanto, apesar de reconhecer a importância da colaboração, a maioria das iniciativas REA, até agora, ainda persegue uma posição de dominância: é o fornecedor que oferece o conteúdo para o usuário, são as instituições mais experientes que oferecem apoio às novatas, são as ferramentas tecnológicas oferecidas pelo fornecedor dos recursos que apoiam o processo de aprendizagem.

Embora algumas iniciativas dêem oportunidades para os usuários criarem e publicarem seus próprios conteúdos, esse não é o discurso dominante no movimento, e não se reflete na estrutura da maioria dos sites. A maioria das iniciativas enfatizam como o usuário pode localizar conteúdo de alta qualidade, mas não como podem usar o site para publicar conteúdo relevante para uma determinada comunidade de interesse. Embora o discurso de colaboração esteja presente na conceptualização do movimento REA, a prática mostra que, nesse discurso, existem outros discursos embutidos que moldam a maneira como a colaboração é promovida. A maioria das iniciativas REA baseia-se nos princípios da Web 1.0 em vez da Web 2.0. O primeiro é baseado nas possibilidades da Web em termos de disponibilização da informação, enquanto o segundo, além disso, também explora o potencial da Internet para a construção conjunta e difusão de conhecimentos e informações.

A prática das iniciativas REA não enfatiza, verdadeiramente, o empoderamento dos usuários, como a Google e a TiVo, exemplos mencionados anteriormente. Ao contrário: o conceito de "empoderamento" tem sido utilizado numa perspectiva unilateral, na qual o fornecedor oferece ao usuário o que ele acha que é necessário para ele para que seja parte da sociedade do conhecimento. Em relação a este ponto de vista, o extrato, abaixo, discute brevemente o conteúdo oferecido no movimento REA e a sua falta de "regionalização":

Muitas, se não a maioria, das iniciativas de conteúdo aberto usando as TIC tendem a

“empurrar” (*push*) conteúdo externo para as comunidades locais. Em outras palavras, elas fornecem, principalmente, o acesso ao conhecimento de outras pessoas. Com poucas exceções, as tecnologias não são usadas para fortalecer o compartilhamento (*pull*) de conteúdo local produzido pela população local. Geralmente o equilíbrio entre *push* e *pull*, fornecimento e demanda, é bem prejudicado e tendencioso ao conteúdo não-local, ao invés de local.

Portal UNESCO, 2007.

Há outros discursos embutidos no discurso de colaboração no movimento REA, e a relação entre eles é chamada de interdiscursividade, como já discutido. Todos os discursos são constituídos por outros discursos. Esses discursos moldam as práticas sociais a eles associadas. No caso do discurso de colaboração em REA, o discurso institucional, o discurso da mídia, o discurso da participação ampla e o discurso da globalização são alguns dos muitos discursos que trabalham em conjunto na construção do campo. A seguir, apresento uma ilustração do discurso institucional junto com o discurso de colaboração no movimento.

## 4.2 O discurso institucional

O MIT OCW está fortemente alinhado à missão institucional do MIT (*avançar o conhecimento e educação e servir o mundo*), e é consistente com os valores do MIT de excelência, inovação e liderança.

Extrato 5: no *site* do MIT *OpenCourseWare*

Conteúdo aberto é consistente com o compromisso da Universidade com a justiça social e com a participação mais ampla no ensino superior.

Extrato 6: a partir do *site* *OpenLearn* - apresentação do projeto

OpenLearn ...

[...] Poderia ser uma forma de se abrir mercados e construir reputação [...].

Extrato 7: de *OpenLearn* apresentação do ponto website poder apresentar o projeto

A direção do MIT acredita que o OCW é uma ferramenta que ajuda, indiretamente, no recrutamento.

Extrato 8: do MIT *OpenCourseWare 'How To'*

Os discursos institucionais de ambas as iniciativas REA, acima exemplificados, são instanciados na linguagem em uso e objetivam justificar a sua participação no movimento: REA estão alinhados com a sua missão (extratos 5 e 6) e, ao mesmo tempo, são benéficos para a imagem das instituições e, conseqüentemente, para o recrutamento de alunos (extratos 7 e 8). Os discursos institucionais nesses extratos interagem com o discurso da mídia das instituições no movimento, que, embora não exemplificado no presente trabalho, desempenha um papel importante na formação do campo. O discurso da mídia acerca dos REA baseia-se no discurso da globalização e no discurso da ampliação da participação para promover a imagem das instituições, sua missão e seu papel na sociedade no tocante à criação de conhecimento e um mundo melhor.

O discurso institucional no movimento REA é um exemplo de um discurso em que a interdiscursividade pode tornar-se mais evidente, dependendo das circunstâncias. Para o usuário REA e para a sociedade em geral, os discursos são fortemente baseados nos discursos da ampliação da participação e da inclusão social, destacando como o conteúdo aberto pode beneficiar a sociedade e, ao mesmo tempo, estar alinhado às missões institucionais. Para um público especializado, cujas preocupações incluem também questões de sustentabilidade financeira, ele irá atrair o discurso da mídia e apresentar os benefícios institucionais que ser parte do mundo REA pode oferecer em termos de melhorias de perfis institucionais. A interdiscursividade dos discursos é o que lhes permite criar novos discursos, contextualizados no tempo e na história. Esses discursos não são elaborados sob demanda, mas coexistem e constantemente moldam as práticas sociais numa área e são moldados por elas. Há uma relação cíclica entre o discurso e a prática.

Quando os discursos de inclusão social e ampliação da participação são enfatizados no discurso institucional de uma iniciativa REA, o discurso de nivelamento também está embutido

nele. A ampliação da participação significa 'nivelamento' das oportunidades para todos, e o livro de Friedman aborda isso em alguns pontos:

Não há maior nivelador que a ideia de fazer todo o conhecimento do mundo, ou até mesmo apenas um pedaço grande dele, disponível a alguém e todos, a qualquer hora, em qualquer lugar (FRIEDMAN, 2005, p.152)

Se alguém tem banda larga, acesso por modem discado ou via uma lan house, seja uma criança no Camboja, um professor universitário ou eu, que gerencio um buscador (Google), todos têm o mesmo acesso básico à informação de pesquisa. Trata-se de um equalizador total. (BRIN, Sergei *apud* FRIEDMAN, 2005, p. 152)

Nivelar o mundo significa que não há discriminação no acesso ao conhecimento (SCHIMDT, Eric in FRIEDMAN, 2005, p. 153)

A centralidade do conceito de acesso ao conhecimento para o movimento REA reflete as discussões de conhecimento e poder de Foucault (1979). Na sociedade, ter conhecimento significa ter mais poder de competir e ter sucesso. Poder e conhecimento são mutuamente interdependentes: não há relações de poder que não constituam também um campo de conhecimento e, inversamente, todo o conhecimento constitui novas relações de poder (FOUCAULT, 1979).

No mundo nivelado, o conhecimento significa poder. E no movimento REA, conhecimento também significa poder – os discursos REA afirmam que o acesso ao conhecimento permite uma maior participação na educação e, como resultado, implicam que um leque de possibilidades de inclusão mais amplo será criado. A relação entre conhecimento e poder é uma noção importante para a compreensão da inclusão social. Essa relação está no âmago das práticas sociais e também no centro do discursos institucionais acerca de REA e do dito mundo plano. A questão é se o acesso à informação é realmente suficiente para nivelar o 'campo de jogo' e ser um "equalizador total", em particular na área da educação; e, ainda, se essa informação pode ser transformada em conhecimento (via ensino) e ser reconhecida pela sociedade, a fim de verdadeiramente promover a inclusão social.

## **5. O problema com o nivelamento**

Friedman (2005) introduz o conceito de um mundo plano dados os avanços tecnológicos que permitem às pessoas acessar informações via Internet, de qualquer lugar, a qualquer hora. Embora atraente, a metáfora carece de uma análise mais ampla de fatores econômicos e culturais em relação ao uso de avanços tecnológicos para promover uma

educação para todos. Abowitz e Roberts (2007, p. 478-479) argumentam que Friedman assume uma congruência entre as ideologias de mercado e objetivos cívicos maiores:

Embora Friedman realize um trabalho admirável descrevendo uma série complexa de processos sociais, econômicos e políticos com uma terminologia que todos podem entender, sua imagem simplista de mundo plano esconde problemas significativos de seu retrato da construção da vida cívica, da escolarização e da justiça. [...] Essa visão moral, entretanto, é perigosamente ingênua. Ela ignora as difíceis contradições entre nacionalismo e globalismo, entre capitalismo global e sustentabilidade ecológica, e entre objetivos econômicos e objetivos humanitários mais amplos para as instituições educacionais.

Uma falácia evidente da metáfora de Friedman, que também pode ser encontrada no movimento REA através do discurso institucional, é assumir que todos podem se beneficiar do acesso livre para conhecimento na Web. Não há nenhuma consideração acerca das habilidades que são essenciais para se beneficiar dos recursos mínimos dos REA, tais como o acesso a um computador ligado à Internet e a um nível de conhecimento de informática que permitirá o indivíduo procurar esses recursos na rede. E também é bem conhecido que esses recursos mínimos e competências não estão disponíveis para todos. Algumas comunidades no mundo em desenvolvimento ainda não têm recursos básicos para a educação, tais como livros, lápis e salas de aula, muito menos computadores e pessoal qualificado para lidar com as máquinas e transformá-las em recursos educacionais poderosos. Remover as barreiras educacionais, tornando a informação disponível na rede, não é necessariamente tão simples como pode parecer. Mesmo argumentando-se que, o que importa é a disponibilidade de conteúdo online para todos os que podem acessá-lo, a localização desse conteúdo ainda é uma questão a ser abordada. Acesso ao conteúdo é bom, mas o acesso a conteúdo significativo, didático e localizado poderia ser ainda mais útil para os que realmente não têm oportunidades de educação. A oferta de REA de instituições educativas é valiosa e poderia ser um passo na direção do nivelamento do campo de jogo educacional, mas, talvez, não seja a solução definitiva. O acesso à informação não é o mesmo que o acesso à educação. Nem todos os usuários potenciais de recursos educacionais abertos, por exemplo, têm o perfil para ser um aprendiz autodirigido. Quando o uso de REA é mediado por um tutor, outras contingências se aplicam – tais como a disponibilidade de tutores qualificados com acesso a um computador, e que sejam capazes de trabalhar por meio desse conteúdo com seus alunos. REA podem ter o potencial de propiciar o acesso ao conteúdo de uma série de perfis de aluno, mas, ao contrário do que o discurso institucional tende a retratar, não necessariamente para todos eles.

## 6. Conclusão

Este documento reúne uma série de conceitos diferentes: a metáfora de um mundo plano e os principais componentes que podem ser transferidos para a compreensão do movimento REA (código aberto e in-formação); alguns dos discursos que são incorporados nesta metáfora (abertura e colaboração, por exemplo); como os discursos de REA se assemelham a essa metáfora de um mundo plano; e, finalmente, alguns dos discursos que constituem os discursos do movimento REA, como o discurso de colaboração em si e os discursos institucionais. Devido à sua natureza interdiscursiva, também considerei alguns outros discursos que são incorporados nos discursos de REA, embora não os tenha focado neste texto (o discurso da ampliação da participação, o discurso da globalização, o discurso da inclusão social e discurso da mídia).

O objetivo foi o de explorar o potencial da Análise de Discurso Crítica para identificar esses discursos e oferecer uma ferramenta para a compreensão crítica do campo. ADC é uma abordagem crítica à análise de dados e requer que o pesquisador assuma uma posição política sobre os discursos de práticas sociais. Nos dados apresentados, lancei mão de amostras extraídas de duas instituições que fazem parte do movimento REA. De maneira alguma os discursos identificados nos dados da amostra são exclusivos dessas duas instituições: pelo contrário, eles servem como exemplos de discursos dominantes no movimento de conteúdo aberto como um todo; e, se o espaço tivesse permitido, muitos outros extratos poderiam ter sido discutidos. Essas instituições, ao fazerem parte do movimento REA e de um mundo que se diz plano, utilizam esses discursos disponíveis e interagindo no campo. O efeito é cíclico: ao utilizar tais, essas instituições (e outras no movimento) moldam o campo, ao mesmo tempo em que são moldadas por esses discursos. É importante ressaltar, no entanto, que a utilização desses discursos não representa uma ação intencional. Esses discursos são o que regulam as práticas sociais e a linguagem utilizada para promover ações desejadas, e, nesse sentido, são muito poderosos e sutis.

Tem havido discussão acerca da maneira pela qual o discurso da colaboração está presente na metáfora do mundo plano e no movimento de conteúdo aberto. Também mencionei outros discursos no movimento de conteúdo aberto que se relacionam com o conceito de nivelamento, com foco nos discursos institucionais. Os discursos institucionais e suas relações interdiscursivas com outros discursos permitem que as práticas discursivas no movimento sejam moldadas de acordo com as necessidades imediatas do contexto. Por exemplo, para o

usuário geral de REA, os discursos institucionais se pautam nos discursos de ampla participação, inclusão social e no ideal de criar um mundo melhor. Para um público mais especializado, que também leva em consideração a sustentabilidade financeira das iniciativas, os discursos de REA lançam mão de uma perspectiva de negócios com relação a seus empreendimentos educacionais, que pode ser encontrada no discurso da mídia, apoiada pelo potencial de REA como ferramenta de captação de alunos. Esta prática discursiva do campo, que visa a aumentar perfis institucionais, é impulsionada pela mercantilização do ensino superior, nos últimos anos, e a crescente competição local e global por novos mercados educacionais.

Nesse cenário, uma resposta provisória foi encontrada para a pergunta do título deste artigo: este mundo é plano? O campo do jogo educativo ainda não foi nivelado pelo movimento de conteúdo aberto da maneira que muitas pessoas previram. Ao analisar os discursos da área, aponto para algumas das razões possíveis: a) a maioria das iniciativas de REA ainda são baseadas na Web 1.0 e têm uma abordagem unilateral para fornecimento de conteúdos; b) as iniciativas REA podem assumir fortemente discursos institucionais que visam a aumentar a reputação da instituição, dando menor importância a um compromisso de oferecer verdadeiras possibilidades de construção de conhecimentos, sua regionalização e utilização/reutilização por seu público potencial; c) algumas iniciativas REA podem não ter ainda decidido a posição que prefeririam ter diante dos vários discursos e pautas do campo. Esses são os principais fatores que apontam para a conclusão de que o mundo dos REA ainda não é plano. Além disso, ao refletir sobre esse ponto de vista, duas outras questões, mais amplas, podem ser levantadas: a) pode ser? e, b) deve ser?. A primeira pergunta leva ao reconhecimento de que, para que REA se tornem verdadeiros niveladores na educação, outras barreiras sociais precisam ser tratadas, como as desigualdades sociais básicas e a enorme divisão digital entre aqueles que têm acesso a recursos tecnológicos e know-how e os que não o têm. A segunda leva à reflexão de como o acesso igual para toda a educação é realmente desejável, ou se o acesso à educação deve, ao invés, ser orientado pelas necessidades específicas das comunidades locais para se desenvolverem em seu ambiente social imediato. Todas essas considerações exigem uma visão mais realista de REA e o reconhecimento de forças institucionais para empoderar os indivíduos dentro de limites cabíveis.

A ADC me permitiu adotar uma perspectiva social em relação a alguns dos discursos do movimento REA, e permitiria mais interpretações nesse contexto, se outros discursos

fossem analisados. Espero, no entanto, que a evidência inicial reunida aqui demonstre a necessidade de uma visão mais crítica do campo e os seus objetivos. Mais pesquisas são necessárias para identificar e analisar em profundidade esses e outros discursos do movimento de conteúdo aberto encontrados em outros domínios de prática, como a blogosfera, ou até mesmo nos desenhos de interface de vários projetos institucionais de REA. Estudos adicionais com base na ADC permitiriam também um melhor entendimento das práticas associadas com o campo e as formas com que essas práticas são mediadas por discursos.

## Agradecimento

Ao Prof. Dr. Patrick McAndrew, do Instituto de Tecnologia Educacional da Open University do Reino Unido, por seu inestimável encorajamento e leitura crítica deste trabalho.

## Referências

ABOWITZ, K; ROBERTS, J. **The Fallacies of Flatness**: Thomas Friedman's "The world is flat". *Journal of Philosophy in Education*, v. 41, n. 3, p. 472-481, 2007.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 2000.

FAIRCLOUGH, N. **Media Discourse**. Londres: Edward Arnold, 1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979/1996.

FRIEDMAN, T. **The world is flat** – a brief history of the globalized world in the 21st century. Londres: Penguin: Allen Lane, 2005.

KRESS, G. Critical Discourse Analysis. In: KAPLAN, R. (Org.). **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 11, p. 84-99, 1990.

SCOLLON, R.; SCOLLON, S. Lighting the stove: why habitus isn't enough for Critical Discourse Analysis. In: WORDAK, R.; CHILTON, P. (Org.). **A New Agenda in (Critical) Discourse Analysis**. Amsterdam; Philadelphia: John Benj Publishing Company, p. 101-117, 2005.

## Recursos da Web

Creative Commons: <http://creativecommons.org>

MIT OpenCourseWare: <http://ocw.mit.edu/index.html>

Página MIT OpenCourseWare 'How To'; <http://ocw.mit.edu/OcwWeb/HowTo/index.htm>

Moodle: <http://moodle.org>

OpenLearn: [www.open.ac.uk/OpenLearn](http://www.open.ac.uk/OpenLearn)

UNESCO Portal, The need for local content:

[http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL\\_ID=5463&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=5463&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)